

**Evento:** Apresentação Relatório/Estudo de Caso sobre o Parque do Flamengo

**Data:** 29/06/2016

**Horário:** 9 as 13h.

**Local:** Fundação Getúlio Vargas – FGV

**Transcrição da Apresentação de Carlos Augusto Leite Junqueira de Siqueira, palestrante na qualidade de presidente do Instituto Parque do Flamengo**

Queria agradecer a oportunidade à Fundação Getúlio Vargas e, sendo a parte dos agradecimentos sempre a mais difícil e, portanto, para não errar, vou começar fazendo o agradecimento mais importante depois que, de alguma maneira aceitei, mas também fui num movimento por iniciativa própria, ao mesmo tempo que aceitei, também tive a iniciativa, essa pessoa é a minha esposa, a Cecília, sentada aqui na minha frente, e que é a pessoa que mais tenho que agradecer porque realmente aceitar esse desafio... não foi movido pela razão, mas certamente pela paixão. Não é algo novo para mim, até fico feliz de ter como colega aqui a Patrícia Sampaio, a Carolina Sussekind, são pessoas que estudaram comigo, na mesma turma de faculdade, no direito. Já puderam testemunhar um pouco dessa minha iniciativa desde a época de estudante. Então, não é novo; trabalhar de graça para não importa quem. Não é novo para mim, por isso falo de coração aberto.

Patrícia parece cada vez mais nova e eu mais velho. Estudamos juntos e ela sempre foi brilhante desse jeito. 1ª aluna da turma, quando não era a 1ª aluna era a 2ª melhor, mas geralmente a melhor aluna da turma. Então, o estudo, o mérito que existe, é sem dúvida dos professores da Fundação Getúlio Vargas, como já dito. Trabalharam de forma graciosa.

Quero agradecer em 2º, mencionar o Prof. Joaquim Falcão, porque foi o responsável de alguma maneira por ter me encaminhado nesta empreitada a convite do Arq. Futuro.

Tomas e Marisa, inspiradores também dessa iniciativa. São pessoas que vivem pelos cantos do Brasil, e não só do Brasil, riscando fósforos, e, por vezes, esses fósforos, no sentido figurado, viram faíscas e acabam fazendo uma combustão por aqui, outra coisa por ali. Essa alguma coisa aqui é o Instituto. Preciso falar também que é a iniciativa de um morador do bairro. Não falo como advogado, estou vestido como advogado, mas venho como morador. Acho que esta é uma questão muito importante e preciso que vocês acreditem nisso. Porque o objetivo do Instituto é ser os ouvidos e braços da Sociedade Civil. E se a sociedade civil não acreditar nessas minhas palavras, a gente não tem uma continuidade do Instituto como ele nasceu para ser e existir.

Hoje ele se qualifica como uma OSCIP e com toda a carga de preconceitos que o fato de ser uma OSCIP tem. Não fizemos nenhuma parceria, mas achamos que seria bom começar pela qualificação. Primeiro pelo Conselho Fiscal, obrigatório, que é formado por pessoas que não são meus parentes, minhas amigas, que mal me conhecem; entraram de forma também graciosa, porque são moradores também do bairro. Então, qualificado o Instituto como uma associação de bairro, muito embora, tenha esse âmbito federal. Ela nasce para ser um agente do interesse público. Esse é até o nome da OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Então até nessa questão do privado, a gente é 100% financiado pelo privado, por associados, e queremos ser mais financiados, queridos, ter mais associados, justamente para que possamos continuar o trabalho.

Eu não sou a pessoa que mais conhece o Parque do Flamengo e não era frequentador do Parque do Flamengo. Trabalho aqui no bairro de Botafogo há 15 anos e moro há três anos aqui, mas o motivo que me deu conforto para assumir essa presidência e estar presidente do Instituto foi justamente a minha experiência com governança.

Então, sou advogado, trabalho com empresas, mercado de capitais, não só isso, mas principalmente isso. Faço essa parte para as empresas, então, para mim, isso é música. Quando surgiu essa iniciativa, eu falei: - *“Gente, eu acho que posso dar uma contribuição”*. E queria registrar o Cláudio Machado, que está aqui, e que talvez seja um dos únicos presentes que está aqui desde o primeiro encontro, em novembro de 2014. – *“Você veio desde o primeiro encontro, Cláudio? E a governança que a gente fez foi ter o local para a reunião de pessoas e fazer uma ata. – Não é isso, Cláudio? – Foi isso, né!?”* [Claudio acena em concordância]

Foi assim que a gente começou. Depois de assistir o seminário Parques do Brasil, no Jardim Botânico, participei também em São Paulo, falando também de governança, de fundos, que podem ser usados pela Sociedade Civil. Dando uma abordagem diferente, de instrumentos de mercado financeiro que podem e até devem ser aproveitados para a sociedade civil. Há pouco eu falava com a Juliana, que cuida do *site* do Arq. Futuro, que a gente precisa escrever um artigo sobre fundos públicos, que devem ter uma governança igual à dos fundos geridos privadamente. Pois afinal de contas o dinheiro é público, o dinheiro dos impostos é de todos. Então, por que não aplicar as regras de transparência que obrigam os privados também para o setor público? Então, não se trata de privatizar, e sim dar um tratamento ao dinheiro porque ele também é público. Então devemos ter a mesma visibilidade também dos gestores privados, bancos de investimento ou de gestores.

Bem, a história do parque começa nos anos 60 e diversas centenas, dezenas e milhares de pessoas participaram deste trabalho com menor ou maior intensidade, mas simbolizamos estas pessoas numa cidadã, a Maria Carlota de Macedo Soares, conhecida como Lotta, em meados dos anos 60. Então, essa Senhora disse: *“O Parque do Flamengo foi projetado de maneira ambiciosa, nobre ambição, ato de amor. Tentar melhorar as condições de habitabilidade de uma cidade, criando um parque novo, organismo vivo, feito para o homem e na medida dele”*. Quem pode não concordar com uma ideia dessa? *“Melhorar as condições de habitualidade de uma cidade?”*

Ontem mesmo estávamos tentando priorizar, temos aqui uma lista de 50 iniciativas, produzidas, que podem ser utilizadas pelo Instituto; e estávamos discutindo quais seriam as prioridades. E compartilhando com vocês, já em primeira mão, a gente acha que as principais questões a serem resolvidas passam, sem sombra de dúvida, por melhorar o tratamento, do (melhorar, talvez não seja o ideal), mas combinar qual o tratamento para as pessoas em situação de rua. Então, tema muito difícil, que surge na primeira reunião do grupo, passa por todos, e a gente acha que é um ponto importante para o Instituto, porque, mais do que o direito de igualdade (e isso passa por uma ficção jurídica, de que todos somos iguais perante a lei), hoje o que importa mais é “o direito à não indiferença, e matematicamente falando seria o caso dos dois fatores negativos se anularem.

Mas a igualdade é bem diferente da não indiferença. A não indiferença é o que hoje eu entendo como um direito contemporâneo. Nós somos bastante indiferentes, muitas vezes, somos desatentos com algumas questões públicas, e está na hora de a gente se organizar melhor como sociedade civil. Daí, em sendo político, mas não sendo partidário, precisamos saber essa diferença também. Sendo político também, acho que

a sociedade civil está mal representada. Instituições de verdade, de moradores que participam, que se engajam, que querem se dedicar, o que chamo de um *hobby* de cidadania. Precisamos de mais gente praticando esse hobby de cidadania e o convite que faço hoje publicamente para vocês é esse, se engajem, via *e-mails*; acreditem que possam fazer a diferença. Até porque, unidos, podemos fazer muito mais diferença.

Qual o grande lamento desta apresentação? Ela começa nos anos 60 e vai para os anos 80. Quem fala dos anos 80? A Elizabeth Rogers, a “Betsy” Rogers que, em meados dos anos 80 fazia referência a iniciativa do Central Park. Ela fala “A ideia de uma Parceria Público-Privada em apoio a um Parque Municipal era desconhecida naquele momento. Eu pensei que, se um Conselho Privado de Comissionários do século XX, trabalhando com Oficiais da Cidade, conseguiu fazer com que o parque fosse construído, então um grupo de cidadãos do século XX, também poderia formar um Conselho, trabalhar com o Prefeito e fazendo do Central Park um lugar lindo, bonito e seguro novamente.

O lamento é que ela só falou isso 20 anos após a construção do nosso parque. Então, historicamente, poderíamos estar na frente. No entanto, eu ousou perguntar se alguém acha que o Central Park é hoje menos desenvolvido do que o Parque do Flamengo. Ou seja, largamos primeiro, mas chegamos depois, e no meio do caminho tropeçamos nas próprias pernas, caímos, tentamos levantar, caímos de novo... E hoje o Central Park é sem dúvida uma inspiração para o mundo inteiro.

Lembrando que quando eles tiveram essa experiência, a primeira coisa que fizeram além da “Conservação” (que é uma entidade jurídica com propósito específico e independente), eles fizeram uma “Escola de Gestão de Parques” (aproveito a deixa para a FGV pensar sobre isso, pois os estudos são muito bons, mas é preciso alguém para gerir depois, e essa é uma carência). Quantos parques bem geridos frequentamos? Quantas pessoas se apresentam como experientes em gestão de parques urbanos? Logo, jogar a pedra é muito fácil, quero ver assumir o papel real e ir lá resolver os problemas da vida real, porque eles estão aí todos os dias, mesmo que a gente não olhe e não perceba eles. Esse é o sentido da apresentação. Se pudéssemos acabar aqui, acho que até ganhava o tempo de vocês e já corríamos para o almoço. O sentido é despertar a Sociedade Civil.

“O que podemos fazer para melhorar o nosso Parque Central?” Logo, essa é uma tabela esquemática, que mostra o cronograma das reuniões que a gente fez. Essa é a que me referi, da qual o Cláudio participou, talvez de todas as 10 ou 11 reuniões. Tenho as atas aqui, se alguém quiser tiver curiosidade. Essa é a vantagem da governança, a gente mostra o que foi discutido, a gente faz uma ata, que todos assinam. Será que esse não é o caminho para a gente resolver os nossos problemas e não pensar só em parques ou gestão do Parque do Flamengo? Mas também no papel da nossa Sociedade Civil.

Eu também não tenho conflitos municipais, nunca votei numa eleição de Prefeito no Rio de Janeiro, sou de Niterói, e além da vista bonita que a gente tem para o Rio, convido vocês para visitarem e conhecerem as calçadas de Niterói, que são planas, integras e limpas, coisa que a calçada da Praia de Botafogo não é. Provavelmente alguém pode cair, se machucar, quebrar uma perna, um braço, enfim. Aqui em frente a GV está melhorzinho, porque fizeram uma grande reforma recente, mas a praça em frente aos edifícios. Basta andar para ver que situação a gente se meteu... e isso com que dedicação nossa? Será que a culpa é só dos partidos políticos? Acredito que não. Acho que podemos fazer mais e mais por nós mesmos.

Essa iniciativa hoje, a gente está aqui no finalzinho. O Instituto foi constituído em julho de 2015. Hoje temos aqui como medidas efetivas a formação de um Comitê (também uma medida de governança), em janeiro desse ano, formada por seis pessoas. Tivemos em fevereiro, conselho fiscal, e aqui acho que damos outro exemplo, pois fizemos o conselho antes de ter dinheiro. Acho que geralmente não é assim que funciona. E discutimos a organização, fizemos uma assembleia, aprovamos um Regimento Interno que permite identificar os tipos de associados, e acho que essa é uma discussão enorme, pois além de ter poucos parques, essa questão dos Institutos, a forma de Associação, também não é muito praticada. Então, temos alguns exemplos, mas para o tamanho do país chega a ser vergonhoso a quantidade de organizações que tem governança de fato.

Começamos o Cineclube e, aí, acho que a gente não nasceu para fazer produção cultural, mas essa ajuda a gente a dizer ao que veio. Então, o cineclube começou com uma mostra de filmes da nouvelle vague tcheca, que eu ignorantemente nem sabia que existia, mas aprendi, e passamos para o “Festival Marlon Brando”, em junho, todos os sábados de junho, as 14hrs, entrada franca, na Cinemateca do MAM, e estão todos convidados também. Estamos contando que vai ter fila em breve na cinemateca, que é um espaço maravilhoso. Não vou perguntar se todos conhecem, talvez alguém passe por uma situação de nascer, viver no bairro do Flamengo e nunca ter ido à Cinemateca. Está lá, bem modernista, extremamente limpa, só não vende pipoca.

A questão hoje passa por uma agenda, que é uma agenda cultural, mas como eu falei, a gente quer chegar nos pontos que são mais importantes. Então, a gente tem hoje três vertentes importantes e vamos trabalhar nelas na medida que tenhamos associados, recursos, enfim. Então, a questão das pessoas em situação de rua, a questão dos eventos que são feitos, muitas vezes, sem uma consciência de que é um lugar tombado, patrimônio da Unesco, a questão que falta educação e informação e a gente acha que isso a gente consegue ajudar. E também a questão dos banheiros públicos; que mesmo no planejamento brilhante feito há 50 anos atrás, já eram poucos.

Então, essa seria a segunda missão que dividimos com a Patrícia, Romulo, para quem sabe pensar uma maneira de o banheiro ser pago, pelo menos por quem pode pagar (R\$1,00, R\$2,00); hoje ouvi dizer que os banheiros pagos da Socicam, da Rodoviária, são banheiros que geram renda, ou seja, são superavitários; geram receita para o Parque, logo, transformar um custo em receita, não preciso ser economista para dizer que isso é muito interessante. A maneira que temos é jurídica (precisaremos mexer na lei) ou fazer uma iniciativa que a Sociedade aceite? E a Sociedade é a dona do parque; se o parque é público, nós somos os donos, temos que parar de pensar que nós não somos os donos. Somos os donos sim, e precisamos agir como donos. Acho que essa é a mudança de mentalidade, que passa pela cultura.

“*Quem somos?*” Uma associação sem fins lucrativos, suprapartidária, de interesse público, fundada por moradores do bairro. O Instituto surge de reuniões havidas entre pessoas que queriam ajudar a cuidar do parque de forma mais participativa e organizada. Após 10 reuniões envolvendo mais de 70 cidadãos, modelistas, membros do poder público, MAM, Marina da Glória, Caminhos do Rio, Bonecos em Ação, Monumento aos Pracinhas, quiosques, professores, foi possível verificar que o parque não é percebido como parque. Aliás, esse é um pedido que faço a vocês: não chamem o “parque” de “aterro”, porque nós somos aqueles que chamamos o parque de parque.

O Aterro são as pistas de velocidade. Isso é uma coisa que a gente não percebe. Falamos: - “*Vamos no aterro*”. E aterro é aterro sanitário, um monte de coisas que a

gente não gosta. Nosso cérebro não associa bem esse nome; precisamos resgatar o parque como parque. Resumidamente: somos os que chamamos o parque de parque.

“O que queremos?” E essa seria também uma apresentação que poderia ser somente este slide. “Queremos que o aterro seja percebido pela população como parque e que seja visto e gerido pelo poder público como tal”. Nós não temos pretensão de gerir o Parque do Flamengo. Nosso momento até, de *start-up* é de engajar pessoas, e para isso queremos viabilizar e atender as demandas da sociedade civil levando aos seus associados mecanismos de tomada de decisão para implementação de projetos estruturantes que supram essas demandas com qualidade.

Queremos que o Parque do Flamengo não deixe a desejar quando comparado com padrão internacional de países desenvolvidos com adaptações a nossa cultura, cidade e realidade, claro. Vou abrir para vocês um mapa do Central Park que identifica cada árvore do Central Park. Já viram esse mapa? Ele identifica cada árvore e cada espécie e tem uma série de outras informações (banheiros, trilhas sugeridas, para onde se faz o seu ciclismo,...) – Poderíamos ter isso no Parque do Flamengo? – Por que não? –

Será que somos intrinsicamente subdesenvolvidos ou será que a gente só funciona quando estamos lá fora? Será que apenas não jogamos lixo no chão quando estamos lá fora? Precisamos importar essa cultura que pode ser nossa, que praticamos apenas quando estamos lá fora. Colocar ela dentro de casa e não ficar lamentando porque muitas vezes lá é assim e aqui é assado. É claro que depende muito do poder público, mas está longe de só depender dele.

Então, estimular o engajamento dos cidadãos com o Parque do Flamengo para que busquem viabilizar e colaborar em iniciativas para aumentar a qualidade de experiências dos frequentadores de nosso parque central, acreditando que a “Cidadania”, entre aspas (com C, maiúsculo) pode e deve ser exercida por todos para todos, praticada por obrigação cívica ou *hobby* e resgatar a concepção original de Lotta e Lacerda de uma fundação para o Parque. Pasmem, em 1965 foi criada uma fundação para o Parque do Flamengo. Alguns de vocês talvez não saibam disso, talvez a maior parte da população não saiba disso, mas existe uma lei (tenho ela aqui, se alguém quiser consultar) que criou a Fundação Parque do Flamengo. Por que? Já era sabido que 14, 16, 20 órgãos da administração seriam incapazes de se coordenar. Isso não é nem questão de falha ou ineficiência pública, a questão é que 16 pessoas, 16 entidades não se coordenam.

Às vezes é difícil coordenar o programa de assistir um filme em família, no cinema, que dirá 16 entidades, cada um com sua competência, se achando independente e autônomo. Então, é preciso haver uma pressão muito grande para, e o Instituto se dispõe a ser esta pressão (claro que se tiver legitimidade) organizar um pouco melhor essa composição que temos hoje. Não estamos olhando para o futuro. A gente pensa no futuro, mas olha para o hoje, para o amanhã, para semana que vem, para as coisas que são possíveis. – “Isso desde o começo, não é mesmo Cláudio? Isso desde o começo”. Não temos pretensão de dar solução mágica, queremos caminhar fazendo o caminho de inovação dentro de nossa missão, e aí sim, dentro de nossa missão (**Missão**: Utilizar, preservar e ampliar os recursos disponíveis no Parque por meio de ações colaborativas em um uso consciente desse espaço público de rara beleza; **Visão**: Tornar o Parque um espaço de referência no mundo com ações inovadoras fomentadas por uma rede integrada, profissionalmente gerida, que reúna pessoas e empresas em prol do parque; **Valores**: Planejamento, Compartilhamento, Transparência, Sustentabilidade e Valorização da Cidadania).

É nosso compromisso que todos os nossos associados tenham acesso *on line* as nossas contas, questões discutidas, material (esse material é 100% público, para quem quiser copiar para o pen drive). Queremos dar transparência total para ações do Instituto.

“Qual a nossa governança?” Parece complicado, mas é a única maneira de sobreviver com sustentabilidade. Órgãos em funcionamento. Em 1º lugar é sempre a assembleia geral, sempre é órgão soberano (e justamente por ser soberano, não pode se reunir todos os dias, senão ninguém faz mais nada além da assembleia) do Instituto. Logo, precisamos confiar numa diretoria, que hoje é composta por dois advogados; somente eu e Cecília falamos em nome do Instituto e isso me dá uma segurança muito grande, pois sei aonde estamos pisando. Será assim até profissionalizarmos. Queremos profissionalizar com administradores, talvez advogados. Mas administradores sem dúvida, pois são as pessoas que tem as ferramentas para gerir, eles é que são os *experts*. Estamos fazendo um trabalho inicial, claro muito focado na governança. Logo, além da diretoria, temos um conselho fiscal já em funcionamento; que esse comitê de organização tem data certa para acabar assim que tiver proposta de cargos, orçamentos e seleção, a ideia é que ele acabe e venham órgãos em potencial para agregar ao Instituto. Que órgãos são esses? O tempo vai dizer; temos na cabeça, um conselho de administração, conselhos consultivos, grupos temáticos, conselho acadêmico, talvez, por que não, e quem sabe o poder público. Quem sabe seja uma maneira, mais rápida e fácil de organizar a governança, do que talvez um projeto mais complexo, de uma PPP ou de outras inovações. Talvez reunir todos numa mesma mesa ou numa sala seja a maneira mais fácil de resolver a questão.

Aqui peço emprestado o nome do seu livro Rafael “Governança Colaborativa em Política Pública” (já fazendo uma propaganda, e não recebo comissão). Aqui já podemos ter uma tese inovadora, uma governança pelo consenso. Talvez seja uma linha. Gostei muito do fato de ter consenso. Consenso é bom de ter, difícil de chegar, mas quando se tem é uma das coisas mais fortes que se tem; reunir pessoas diferentes que pensem alguma coisa em comum. Eu acho que esse “em comum” é o mais forte que pode haver em termos de legitimidade na sociedade.

Ações já concluídas, podemos citar: - não é bem uma realização do Instituto Parque do Flamengo, mas o *site* Parque do Flamengo foi fruto da 1ª reunião lá em novembro de 2014, tivemos uma deliberação de que os participantes iriam se cotizar (algo em torno de R\$ 30,00 ou 60,00). A partir desta iniciativa, produziu-se um site 100% privado. – “Não é mesmo, Cláudio? – 100% privado”. Então, havia essa carência, de um site do Parque do Flamengo (essa carência não era da nossa cabeça, pois todos os parques internacionais, tem sites). E porque o Parque do Flamengo não tinha? Não era para culpar o governo? O governo não produziu o *site* do Parque. Se eu fosse governo de repente teria produzido... Mas acho que falta um pouco de iniciativa e de acreditar que é possível (as vezes achamos que não é, e é).

O primeiro produto realmente do Instituto foi o “Mapa do Parque” que fizemos. – Até pergunto se alguém já viu algum mapa do Parque do Flamengo antes? Não. Então, imagine só um parque de 50 anos que não tinha um mapa. Como não queremos que as pessoas não tenham medo de um lugar do tamanho do Central Park, ou maior, talvez, não sei...e não saibam se localizar lá dentro. O parque tem acesso por cinco estações de metrô, é enorme, tem uma extensão, começa no Centro e vem até aqui em Botafogo. Então, a falta de um mapa é um item de segurança e por isso priorizamos ele.

Hoje temos aqui (não sei se todos tiveram a oportunidade de pegar, esse é o nosso mais novo mapa) além dessa característica mais lúdica e divertida (foi contratado junto ao Guto Lins e agência Manifesto Design, que trabalha muito com livros para crianças). Agora temos aqui uma bolinha amarela que indica o elemento do parque. Agora a gente chama de mapa mesmo, pois antes era uma figura bonita: agora o mapa identifica aonde é o Coreto Estrela, aonde é o Teatro de Arena, aonde são as atrações menos conhecidas, de extraordinária beleza. A última vez, que alguns destes elementos foram usados, talvez tenha mais de 20 anos. E por que? Porque as pessoas não conhecem, não se organizam, não tem tempo, ou simplesmente vão lá só para correr ou andar de bicicleta.

A 2ª grande conquista do Instituto foi a OSCIP. Nos qualificamos, daí podemos celebrar parcerias. Não temos nenhum termo celebrado e nem em andamento. Temos que prestar contas, coisa que eu adoro. Um dos motivos de eu ter assumido isso é porque se prestam contas. A prestação de contas é um ato de liberação, aonde a gente, como gestor, pode levantar a cabeça e dizer que o papel foi cumprido, o dever foi cumprido. Possuir diretorias profissionalizadas com remuneração, o que não é o nosso caso hoje. A gente não tem remuneração, muito pelo contrário, a gente tem é gasto e obrigatoriamente um conselho fiscal.

Projetos em andamento: já falei do mapa divertido, cineclube (esse mês, em julho, todos os sábados, 14h, estamos com uma programação “*Isto também é Shakespeare*”. Nesse sábado temos “Homem Mau, Dorme Bem”, de Akira Kurosawa, filme de 2 horas e 40 minutos, inspirado numa peça de Hamlet. – E Vocês vão ver, é só programação top. Quem fez isso foi o Júlio Miranda, pessoa que já foi dona de uma locadora, Polytheama (quem for mais antigo do bairro conhece). Julio Miranda topou graciosamente ser o curador da cinemateca, e esse é o modelo que a gente quer fazer, gente que sabe o que está fazendo, aceita a missão em nome do Instituto e vira o curador, gestor daquela iniciativa. Claro que supervisionamos e damos todo o suporte. Inclusive esse suporte, o suporte gráfico, de fazer cartaz, veio da experiência da PUC, sempre muito bem vista. E por que? Porque aprendi a fazer cartaz, gente. Não é difícil, é só achar alguém que saiba design, ter um pouquinho de dinheiro... Não vou contar para vocês quanto gastamos, mas só vou dizer que toda a iniciativa do Instituto na cinemateca não consumiu R\$ 1.000,00.

E temos o folder do Teatro de Marionetes, que é o grande modelo para as próximas parcerias. Esse folder que talvez algumas pessoas tenham conseguido, vão ver que tem a capa e a 1ª página do Instituto e a contra-capas e um texto interno é do parceiro. E isso queremos fazer com a FGV, com o MAM, com qualquer pessoa que tenha afinidade com o Parque. O “Bonecos em Ação”, da Susanita, doou, doou não, mas trouxe para o mapa o primeiro convite para o Teatro de Marionetes, de 1966. Marionete, para quem tem filho, recomendo: em 1º lugar, é de graça; em 2º lugar, é de alta qualidade; sábados e domingos 11h, todos os sábados e domingos, 11h. Filhos adoram. E um contato muito lúdico, e aí é que pelo Parque conseguimos resgatar um pouco de nossa cultura, porque a Marionete traz um pouco da brasilidade da nossa cultura, um pouco menos industrializada, não é?

Finalmente, estamos em plena campanha de associação, e nem só de sonhos vivemos; temos três tipos de associados pessoa física. O primeiro é o regimental, com contribuição de R\$ 150,00 por ano, ano. O associado estatutário é R\$ 1.200,00, também por ano, e o honorário são R\$ 50,00 por ano. Gente, era isso que eu tinha para dizer, queria agradecer a todos vocês e me colocar à disposição mais do que qualquer coisa.

